

Artes Cênicas

Extraordinárias experiências com a dança

Enquanto Belo Horizonte viu a radicalidade do FID, São Paulo acompanha festival com tons autorais

Ar. Exibido em São Paulo, 'Fole', de Michelle Moura, é pura artesanaria



PAULO CESAR LIMA/DIVULGAÇÃO

Helena Katz
ESPECIAL PARA O ESTADO

Uma curadoria que se assumiu como uma ação educacional transformadora e, ao longo dos 18 anos de seu exercício, se constituiu como uma pedagogia da autonomia, no sentido paulo-freiriano dessa terminologia. Essa tem sido a tônica da ação de Adriana Banana, a diretora artística e curadora do FID – Fórum Internacional de Dança (www.fid.com.br), que terminou ontem. Não à toa, veio modificando, ao longo desse tempo, tanto o cenário mineiro para a dança contemporânea quanto a própria produção local, que estimulou, projetou nacionalmente, e hoje se destaca como uma das mais consistentes do País. Veio formando e educando plateias e transformou a radicalidade na sua assinatura.

Os cinco espetáculos mostrados na primeira semana dão bem a ideia daquilo que move Adriana Banana e Carla Lobo, a diretora executiva e produtora, juntas desde o início deste projeto (1996). A cada FID, um novo eixo é proposto e, neste, a escolha não poderia ser mais justa do que “Dança que Mobiliza, Transforma”. Porque transformação é mesmo o traço que alinhava tudo o que está sendo mostrado neste fórum, que se apresenta com o slogan “18 anos de dança pra todo mundo”.

Quem entrou no *Paraíso – Coleção Privada*, de Marlene Monteiro Freitas, de Cabo Verde, que faz parte do Coletivo português Bomba Suicida, teve uma das mais extraordinárias experiências com dança dos últimos tempos. Sua discussão sobre o poder é feita por cinco intérpretes (sendo ela a única mulher) da mais refinada competência em fazer do insólito e do inusitado um ambiente sem arestas. Poucas vezes a imaginação borbulhou com tanta justeza um mosaico tão surpreendente de seres elaborados pela truculência de desejos desconexos. A ordem simbólica se monta e se desmonta ao sabor de uma no-

ção de que tudo lá é inadequado e, ao mesmo tempo, enfeitiçador. Na verdade, desse paraíso não se sai mais, pois ele se impregna com a força daquele tipo de contundência de um peso sem gravidade.

No *Tempo e Espaço: os solos da Marrabenta*, de e com Panaibra Gabriel Canda, com música ao vivo de Jorge Domingos, de Moçambique, a discussão do colonialismo é levada para dentro, sem vilões externos, desencaixando os papéis de algoz e vítima para recuperar uma agudeza para se pensar a questão da identidade como pluralidade tecida por tensões. Key e Zetta, de São Paulo, esgarçam o obrigado/obrigado/obrigado que trazem para o título de sua criação de 2012, *Obrigado por Vir*, que recriou a primeira versão, de 2005, para a companhia, composta pelos excelentes Beatriz Sano, Andre Menezes e Marina Massoli. A qualidade da movimentação de cada um é quase um parque temático com uma atração mais instigante que a outra.

Sílvia Real, de Portugal, mostra em *Tritone* como realizar o difícil propósito de fazer dança para criança enfileirando imagens comuns em outra moldura. Embora a aparência seja a de uma tirinha de quadrinhos, que apenas vai enfileirando uma na sequência da outra, trata cada uma delas com a síntese que distingue uma charge.

André Masseno, do Rio de Janeiro, faz esquecer o tipo de tratamento habitualmente praticado em espetáculos de gênero. Seu *O Confete da Índia* é de um apuramento só. Uma mistura bruta que aperta peças pingadas pelo pop (do *Chá de Calcinha*, de A. Bronkka/Gaby Amarantos, ao *Índia*, com Gal Costa, passando pelo *Xanadu*, de Olivia Newton-

John) entre colchetes tropicalistas. E revela um artista com todas as letras em maiúsculo e, nesse seu momento específico, também em néon.

Em terras paulistanas. Enquanto Belo Horizonte foi mergulhada no FID, São Paulo respira o Festival Contemporâneo de Dança - FCD, que ocupa a Galeria Olido e a Funarte ao longo do mês de novembro. Sua primeira semana foi ocupada por Sofia Dias e Vitor Roriz, de Lisboa, e por Michelle Moura, de Curitiba. A dupla portuguesa vai organizando, com uma preciosa justeza, cada um dos arabescos que vão compor a sua estamparia e, ao final, a estendem em um balcão de ofertas de bauskas (aquelas bonecas que vão saindo uma de dentro da outra) chamado *Um Gesto que Não Passa de uma Ameaça*. Cada mínimo detalhe tem a ver com o outro mínimo detalhe, dentes de um mesmo serrote afiado. Palavras e movimentos se enovelam neste tonel sem fundo, no qual um se espreme no outro.

Michelle Moura faz do seu *Fole* um monossílabo: ar. O ar que o corpo inspira e expira. Às vezes, vento encanado, às vezes mastigado a ponto de virar som. Tem corpo para tudo, nesse mundo da dança, e, às vezes, ainda aparece um que, ainda bem, passa pelas cancelas estabelecidas e abre as tampas das trajetórias por percorrer. Michelle Moura vai cavocando, cavocando, e as materialidades vão aparecendo e se enfileirando no seu corpo-varal. Pura artesanaria escorada em castiça dedicação.

Adriana Grechi, diretora artística, e Amaury Cacciacaro Filho, diretor geral, conceberam um festival de traços muito autorais: escapam do formato do evento concentrado, pois apresentam os espetáculos escolhidos em minitemporadas, e investem no acompanhamento dos trabalhos dos artistas com quem trabalham, sem hesitar em repetir nomes na sua programação. Um exemplo é a volta de Fernando Belfiore, que esteve na edição passada do FCD.



NA WEB
Galeria. Veja imagens dos espetáculos
estadao.com.br/e/danca